

**2.^a TERTÚLIA NADA SOBRE NÓS SEM NÓS: OS DESAFIOS DE UM COFFEE
BREAK EM UMA PERSPECTIVA INCLUSIVA**

*2nd TERTÚLIA “NADA SOBRE NÓS SEM NÓS”: THE CHALLENGES OF A COFFEE
BREAK IN AN INCLUSIVE PERSPECTIVE*

*2^o TERTÚLIA “NADA SOBRE NÓS SEM NÓS”: LOS RETOS DE UN CAFÉ EN UNA
PERSPECTIVA INCLUSIVA*

Bárbara Alves Branco Machado
E-mail: balvesmachado56@gmail.com

Juliana Collares da Silva
E-mail: julianacollares@yahoo.com.br

Claudete da Silva Lima Martins
E-mail: claudeteslm@gmail.com

Francéli Brizolla
E-mail: franbrizolla@gmail.com

RESUMO

Este trabalho tem como tema discutir a acessibilidade, em uma perspectiva inclusiva, para eventos com pessoas com deficiência, dando principal atenção para o momento de pausa para lanche, o coffee break¹, proveniente da 2^a Tertúlia Nada Sobre Nós Sem Nós, evento promovido pelo grupo de pesquisa e extensão INCLUSIVE². O evento foi realizado na Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA. O objetivo da investigação é discutir sobre inclusão e acessibilidade pelo viés de uma das ações ou atividades realizadas no evento, o coffee break. A justificativa é o fato do evento é protagonizado por pessoas com deficiência dentro do movimento Nada Sobre Nós Sem Nós, em razão disso é necessário pensar todos os momentos do evento em uma perspectiva inclusiva, inclusive o intervalo para a alimentação. Para coleta de dados, utilizamos o Google Forms e o Whatsapp. A análise foi realizada através da Análise de Conteúdo (BARDIN, 2009). Os resultados revelaram que ocorreu acessibilidade durante o evento no coffee break. Compreendemos que “fazer inclusão” é, antes de qualquer coisa, se rever e fazer o processo de olhar para dentro de nós, tentando identificar em que medida nós reforçamos muitas vezes os estereótipos e os paradigmas, que minimizam as pessoas com deficiência.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Inclusiva. Acessibilidade. Movimento Nada Sobre Nós Sem Nós.

¹ “Coffee break é uma expressão em inglês que significa “pausa para café”, que muitas vezes é um intervalo no meio de uma reunião onde as pessoas fazem um lanche e convivem.” Disponível em: <https://www.significados.com.br/coffee-break/> Acesso em 13 out. 2019.

² “Estima-se que o grupo contribua com: (1) a produção de conhecimento na perspectiva da educação inclusiva e do atendimento à diversidade; (2) o aprimoramento das possibilidades de implementação de atendimento educacional especializado na educação básica e superior; (3) o fortalecimento da rede de trabalho colaborativo entre a educação básica e o ensino superior na perspectiva inclusiva; (4) a aproximação de pesquisadores e grupos de pesquisa que tematizam o campo teórico da educação na perspectiva inclusiva; (5) o desenvolvimento de pesquisas que privilegiem a construção de conhecimentos fundamentados na tríade ensino-pesquisa-extensão.” Disponível em: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/45713> Acesso em 12 out. 2019.



ABSTRACT

This work has as its theme to discuss accessibility, in an inclusive perspective, for events with people with disabilities, giving main attention to the moment for a snack break, the coffee break, from the 2nd Tertúlia Nada Sobre Nós Sem Nós, an event promoted by the group research and extension INCLUSIVE. The event was held at the Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA. The purpose of the investigation is to discuss inclusion and accessibility through the bias of one of the actions or activities carried out at the event, which was the coffee break. The justification is due to the fact that the event is staged by people with disabilities within the movement Nada Sobre Nós Sem Nós, because of this it is necessary to think about all the moments of the event in an inclusive perspective, including the break for coffee. For data collection, we used Google Forms and Whatsapp. The data analysis obtained through these instruments was carried out through the Content Analysis proposed by Laurence Bardin. The results, based on the data analyzed, revealed that accessibility occurred during the event at the coffee break. In conclusion, we understand that "making inclusion" is, first of all, to review and do the process of looking inside ourselves, trying to identify the extent to which we often reinforce stereotypes and paradigms, which minimize people with disabilities.

KEYWORDS: *Inclusive education. Accessibility. Movement Nada Sobre Nós Sem Nós.*

RESUMEN

Este trabajo tiene como tema discutir la accesibilidad, en una perspectiva inclusiva, para eventos con personas con discapacidad, prestando especial atención al momento del bocadillo, el coffee break, a partir de la II Tertúlia Nada Sobre Nós Sem Nós, evento promovido por el grupo de investigación y extensión INCLUSIVE. El evento se realizó en la Universidade Federal de la Pampa – UNIPAMPA. El propósito de la investigación es discutir la inclusión y accesibilidad a través del sesgo de una de las acciones o actividades realizadas en el evento, que fue el coffee break. La justificación se debe a que el evento es protagonizado por personas con discapacidad dentro del movimiento Nada Sobre Nós Sem Nós, por ello es necesario pensar en todos los momentos del evento con una perspectiva inclusiva, incluida la pausa para el café. Para la recopilación de datos, usamos Google Forms y Whatsapp. El análisis de los datos obtenidos a través de estos instrumentos se realizó mediante el Análisis de Contenido propuesto por Laurence Bardin. Los resultados, basados en los datos analizados, revelaron que la accesibilidad ocurrió durante el evento en el coffee break. En conclusión, entendemos que "hacer inclusión" es, ante todo, revisar y hacer el proceso de mirar dentro de nosotros mismos, intentando identificar hasta qué punto solemos reforzar estereotipos y paradigmas, que minimizan a las personas con discapacidad.

PALABRAS-CLAVE: *Educación inclusiva. Accesibilidad. Movimiento Nada sobre nós sem nós.*

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como tema discutir a acessibilidade, em uma perspectiva inclusiva, para eventos com pessoas com deficiência, dando principal atenção para o evento o momento de pausa para lanche, o *coffee break*³, proveniente da 2.^a Tertúlia Nada Sobre Nós Sem Nós, evento promovido pelo grupo de pesquisa e extensão INCLUSIVE - Grupo de Estudos e

³ “*Coffee break* é uma expressão em inglês que significa "pausa para café", que muitas vezes é um intervalo no meio de uma reunião onde as pessoas **fazem um lanche e convivem.**” Disponível em: <<https://www.significados.com.br/coffee-break/>> Acesso em 13 out. 2019.

Pesquisas em Inclusão e Diversidade na Educação Básica e Ensino Superior⁴. O evento foi realizado na Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA, em 26 de setembro de 2019.

A 2ª Tertúlia Nada Sobre Nós Sem Nós teve como objetivo propiciar a inclusão plena na interação em contexto de social e educacional, garantindo a presença, a participação e a construção de conhecimento dos seus participantes em um dia de atividades diversas, tais como palestras, apresentações artísticas e oficinas. Todas as atividades citadas realizadas na tertúlia foram protagonizadas por pessoas com diferentes tipos de deficiência, oriundos da comunidade interna e externa da UNIPAMPA, propiciando com que todos os momentos dos eventos sejam acessíveis.

Tendo em vista o cenário descrito acima, o objetivo deste trabalho é discutir sobre inclusão e acessibilidade pelo viés de uma das ações ou atividades realizadas no evento, que foi o momento do intervalo, conhecido como *coffee break*.

Nosso objetivo específico é investigar se foi garantida acessibilidade, além de verificar se as estratégias propostas para quebra de barreiras foram de fato efetivas.

Este trabalho justifica-se em descrever a experiência de um *coffee break* na perspectiva inclusiva, bem como contribuir para pesquisas vindouras acerca da temática, contribuindo assim para (re) pensar a inclusão em momentos de eventos acadêmicos (ou fora do contexto universitário) que, muitas vezes, são vistos como episódios à parte dos eventos e suas propostas e objetivos.

O texto está estruturado em cinco seções, sendo estas: introdução (presente seção), seguida por referencial teórico, métodos, resultados e discussões, considerações finais e, por fim, referências.

REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta seção serão abordados conceitos com aporte teórico dos seguintes temas: o movimento Nada Sobre Nós Sem Nós, a inclusão, a acessibilidade e barreiras à aprendizagem e participação.

⁴ “Estima-se que o grupo contribua com: (1) a produção de conhecimento na perspectiva da educação inclusiva e do atendimento à diversidade; (2) o aprimoramento das possibilidades de implementação de atendimento educacional especializado na educação básica e superior; (3) o fortalecimento da rede de trabalho colaborativo entre a educação básica e o ensino superior na perspectiva inclusiva; (4) a aproximação de pesquisadores e grupos de pesquisa que tematizam o campo teórico da educação na perspectiva inclusiva; (5) o desenvolvimento de pesquisas que privilegiem a construção de conhecimentos fundamentados na tríade ensino-pesquisa-extensão.” Disponível em: <<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/45713>> Acesso em 12 out. 2019.

O movimento Nada Sobre Nós Sem Nós, de acordo com Sasaki (2007), refere-se a um lema que “reflete muito precisamente a atitude mundial de que as pessoas com deficiência querem ser adotadas em todos os níveis da sociedade.” De acordo com o autor, as pessoas com deficiências têm o direito de ter espaço em todos os âmbitos políticos e sociais, e participação direta em todas as esferas que planejam e executam projetos e ações para as pessoas com deficiência.

A inclusão no contexto educacional é um tema discutido em diferentes âmbitos de ensino e aprendizagem. Seu conceito, no entanto, é variado. Nesta investigação, no entanto, utilizaremos as definições teóricas de Freire (2008). A autora assinala que a inclusão:

“é um movimento educacional, mas também social e político que vem defender o direito de todos os indivíduos participarem, de uma forma consciente e responsável, na sociedade de que fazem parte, e de serem aceites e respeitados naquilo que os diferencia dos outros.” (FREIRE, 2008, p. 5).

Freire (2008), na integridade do seu trabalho, discorre os conceitos da inclusão para alguns outros autores da área, pontuando a urgência de diferenciar, em contexto escolar, a inclusão e a integralização.

Freire (2008) ainda aponta que o desenvolvimento de uma educação de fato inclusiva a todos implica em grandes e diversas mudanças nos padrões educacionais atuais, mudanças elencadas por outros pesquisadores da área, apontando que a inclusão é um pilar básico para a verdadeira mudança educacional.

Oliva (2016), por sua vez, apresenta em seu trabalho ideias que se alinham ao trabalho de Freire (2008) no que tange a inclusão e seu papel transformador no sistema educacional atual. A autora também cita brevemente conceitos e perspectivas relacionados a inclusão como a percepção de alguns autores a qual a inclusão já foi atingida com o fato de alunos com deficiência terem direito à matrícula e a posição de outros autores a respeito que a inclusão é algo utópico, portanto não foi e nunca será atingida em contexto escolar. (OLIVA, 2016).

Como explanado acima, a educação inclusiva necessita de mudanças no sistema educacional para se concretizar e cabe a escola se adaptar às diferenças e respeitá-las, e não os alunos serem moldados para atender o padrão escolar (FREIRE, 2008, OLIVA, 2016, entre outras) tendo em vista que a educação inclusiva é um direito fundamental previsto na Constituição Federal.

Ao abordarmos as temáticas relativas à inclusão, obviamente devemos abordar os entendimentos atuais acerca da acessibilidade e em torno das barreiras que dificultam ou até impedem que esta inclusão aconteça.

Sobre acessibilidade, Tavares (2012), ao citar trecho sobre a Convenção dos Direitos das Pessoas com Deficiência, aprovado no Brasil através do Decreto Legislativo nº 186/08, afirma que:

A acessibilidade é o conjunto de medidas apropriadas para assegurar às pessoas com deficiência o acesso, em igualdade de oportunidades com as demais pessoas, ao meio físico, ao transporte, à informação e à comunicação, inclusive aos sistemas e tecnologias da informação e comunicação, bem como a outros serviços e instalações abertos ao público ou de uso público, tanto na zona urbana como na rural.

Ao contrário do que se pensava há tempos, as instituições é que tem de se adaptar e oferecer possibilidades de acesso às pessoas com deficiência. E hoje ainda se fala que, mais do garantir acesso, deve-se garantir formas de permanência destas pessoas, ou seja, são as instituições e quem trabalha nelas que devem preparar-se para acolher e oportunizar os recursos que cada pessoa necessita e tem direito garantido por lei.

Nesta perspectiva, entendemos que, de nossa parte, durante a organização do evento e a sua realização, nós, autoras e pesquisadoras, enquanto equipe é que deveríamos dispor dos mais variados recursos a fim de atendermos as reais necessidades dos participantes e assim garantir acessibilidade. Para tanto, nos desafiamos a pensar formas de tornar o *coffee break* acessível, ou seja, que mais do que assegurar um espaço físico adequado, em que todos pudessem transitar, assegurássemos que todos ou quase todos pudessem degustar alimentos saudáveis e que fosse de encontro às necessidades e particularidades de cada um. Além dos participantes comerem, colocamos uma degustação com autonomia de acordo com suas limitações e características. Nosso desafio era mais do que a degustação, por meio de outras pessoas ajudando-os a fazer isso, mas propiciar uma degustação de forma autônoma, permitindo também uma inserção social plena, propiciando a convivência e socialização dos participantes no intervalo. Nesse sentido, pensar um *coffee break* diversificado seria quebrar esta barreira e o entendimento que todas as pessoas com deficiências ou não consomem os mesmos alimentos, com autonomia⁵

Desta forma, estaríamos tentando quebrar, ou transpor, o máximo de barreiras que pudessem atrapalhar ou até inviabilizar o momento de intervalo e *coffee break* dos participantes da 2ª Tertúlia. Por barreiras, podemos entender que seriam:

⁵ Esses alimentos eram os mesmos, mas acessíveis. Por exemplo, as pessoas poderiam pegar os alimentos, tocá-los, utilizar canudos para bebê-los, fatores que propiciam a autonomia dos participantes.

... obstáculos, fortalecidos ao longo da história, nem sempre são intencionais e têm denegado à pessoa com deficiência a efetivação do direito equitativo à educação, ao lazer, à cultura etc. Mais adiante, por meio de um estudo efetivado no contexto educacional, Tavares e Lima (2007) identificaram a prática de uma série dessas barreiras que, se não estivermos atentos a elas, poderão comprometer tanto a recepção da obra pelo público formado por pessoas com deficiência quanto a nossa recepção desse público. (TAVARES, 2013, p.22)

Assim, nossa ideia era de que pudéssemos estar atentas a cada obstáculo que prejudicasse o nosso objetivo de poder oferecer um evento efetivamente inclusivo, principalmente que pudéssemos quebrar nossas barreiras atitudinais, tomando todas as providências possíveis para nos desfazermos dos paradigmas que nos foram impostos desde o momento em que nascemos, pois temos de admitir que nascemos e nos desenvolvemos em uma sociedade excludente.

Para Tavares (2013, p. 22),

as nossas atitudes carregam sentimentos discriminatórios. Isso acontece quando excluímos ou fazemos restrições a uma pessoa por acreditarmos que ela é deficiente, incapaz ou inválida. Esses sentimentos estão na origem das barreiras atitudinais, as quais frequentemente tornam-se o centro de força para que haja outros tipos de obstáculos que impedem a acessibilidade.

Ainda sobre barreiras atitudinais, temos que:

As barreiras atitudinais são barreiras sociais geradas, mantidas, fortalecidas por meio de ações, omissões e linguagem produzidos ao longo da história humana, num processo tridimensional o qual envolve cognições, afetos e ações contra a pessoa com deficiência ou quaisquer grupos em situação de vulnerabilidade, resultando no desrespeito ou impedimento aos direitos dessas pessoas, limitando-as ou incapacitando-as para o exercício de direitos e deveres sociais: são abstratas para quem as produz e concretas para quem sofre seus efeitos. (LIMA; TAVARES, 2007 apud TAVARES, 2012).

A autora acima destaca diferentes tipos de barreiras atitudinais, que estariam relacionadas a possíveis crenças que as pessoas teriam em relação às pessoas com deficiência, como por exemplo, de tentar padronizar todas elas, como se o modo de agir fosse igual ou tivessem os mesmos desejos.

Neste sentido, pensar um *coffee break* diversificado, seria quebrar esta barreira e o entendimento de que todas as pessoas (com deficiência ou não) consomem os mesmos alimentos, de forma autônoma. Foram disponibilizados, por exemplo, bebidas (suco, água saborizada, água, entre outras) com canudos para participantes que necessitavam usá-los para

beber, alimentos com indicações em *Braille* para que os participantes pudessem identificar os alimentos sólidos e líquidos, opções variadas de alimentos para pessoas com intolerância à lactose ou ao açúcar, entre outros tipos de alimentos.

MÉTODOS

Para o desenvolvimento da investigação realizou-se pesquisa de abordagem qualitativa, sem o objetivo de quantificar ou mensurar os achados, mas compreendê-los, adotando a natureza básica, objetivando gerar novos conhecimentos à comunidade científica (MINAYO, 2002; CÓRDOVA, 2009, entre outros).

Quanto aos nossos objetos, a investigação é exploratória, isto é, proporciona maior “familiaridade” com o fenômeno estudado, fomentando a elaboração de hipóteses sobre este (CÓRDOVA, 2009).

Quanto aos procedimentos, esta configura uma pesquisa de campo. Este processo tem como característica a realização de além da pesquisa bibliográfica e/ou documental, realizar a coleta de dados junto a pessoas utilizando recursos de diferentes tipos de pesquisa (FONSECA, 2002 apud. CÓRDOVA, 2009).

Sendo assim, o contexto de pesquisa foi a Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA – CAMPUS BAGÉ), especificamente nos dias anteriores, presente e posteriores do *coffee break* da 2ª Tertúlia Nada Sobre Nós Sem Nós, tendo como sujeitos de pesquisa os participantes da comissão *coffee break*, os beneficiados por esta comissão (participantes em geral do evento) e também, especificamente, grupos particulares que necessitavam de lanches especiais durante o evento, além de almoço antes do início do evento, pois eram oriundos de outras cidades próximas a Bagé.

Considerando nosso contexto, os instrumentos de coleta e produção de dados foram os diários de bordo, o plano de ação de trabalho, questionário estruturado enviado via *Google Forms* e depoimentos de três participantes do *coffee break* por meio de entrevista semiestruturada após o evento via *WhatsApp*.

Este trabalho terá como método de análise dos dados a Análise de Conteúdo, de Bardin (2009). De acordo com Moraes (1999), este método de análise pode ser conceituado como:

“ [...] uma metodologia de pesquisa usada para descrever e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos e textos. Essa análise, conduzindo a descrições sistemáticas, qualitativas ou quantitativas, ajuda a reinterpretar as mensagens e a atingir uma compreensão de seus significados num nível que vai além de uma leitura comum. (MORAES, 1999, p. 8).

Neste método de análise podem surgir categorias a posteriori, que emergem a partir dos dados analisados. Porém, particularmente neste trabalho, vamos utilizar o Análise de Conteúdo (BARDIN, 2009) com três categorias a priori: barreiras, acessibilidade e inclusão. A escolha destas categorias foram para atingir os objetivos propostos.

Levando em consideração o que foi descrito até aqui, sintetizamos que esta pesquisa foi realizada entre setembro e novembro de 2019, tendo como sujeitos os participantes da 2ª Tertúlia Nada Sobre Nós Sem Nós, evento promovido pela UNIPAMPA. Esta investigação teve o seguinte problema de pesquisa: como promover inclusão um momento de intervalo de evento inclusivo na 2ª Tertúlia Nada Sobre Nós Sem Nós livre de barreiras que impeçam a plena acessibilidade?

Para a realização do *coffee break* em uma perspectiva inclusiva, construímos previamente um Plano de Ação supervisionado por professora orientadora. Neste plano, deveríamos elencar as possíveis barreiras (atitudinais, pedagógicas e/ou físicas) que poderiam surgir durante o evento para os participantes, bem como nortear nossas ações para a realização do *coffee break*.

Em nossa coleta de dados após o evento, utilizamos o *Whatsapp*, também utilizamos como instrumento de pesquisa um formulário aberto, elaborado no *Google Forms*⁶, com duas questões referentes à avaliação do *coffee break*: 1- “Você considera que o espaço utilizado para o *coffee break* propiciou acessibilidade a todos? com as seguintes respostas possíveis: “Sim, totalmente”, “Sim, parcialmente” e “Não foi acessível”. A pergunta número 2 presente no questionário era a seguinte: “A partir de tuas percepções do *coffee break*, quais são as tuas sugestões de melhorias para um próximo evento?”

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante a elaboração do plano de ação e sua posterior execução, buscamos identificar o máximo de barreiras atitudinais, pedagógicas e físicas que poderiam atrapalhar o curso do *coffee break*. Para tanto, tentamos diversificar a oferta de alimentos, incluindo itens para pessoas intolerantes à glúten e à lactose, e buscamos também identificar os alimentos e bebidas com plaquinhas em Braille, prevendo que poderíamos ter participantes cegos durante o evento,

⁶ O formulário tinha no total 8 questões referentes satisfação dos participantes no evento no que tange o trabalho realizado pelas comissões de recepção, patrocínio, recursos midiáticos e *coffee break*.

além de disponibilizar canudos aos participantes que necessitam deste objeto para beber de forma autônoma. É o que podemos verificar nas imagens a seguir:



Figura 1 - Item para pessoas intolerantes ao glúten.



Figura 2 - Itens para intolerantes à lactose e açúcar



Figura 3 - Identificação em Braille

Nas três figuras apresentadas anteriormente revelam a inclusão de alimentos para participantes com intolerância alimentar (figura 1), intolerante à lactose e açúcar (figura 2) e um exemplo de alimento com plaquinha em braille (figura 3). Durante a preparação para o evento, foram realizadas entrevistas informais com os participantes para verificar pessoas ou grupos com intolerância alimentar, vegetarianos e participantes não videntes, por exemplo.

Após a realização do evento, entramos em contato com os 3 grupos que trouxeram seus alunos/membros de instituições de outros municípios. Através de uma entrevista sucinta via *Whatsapp* foi possível verificar que houve satisfação e que o *coffee break* inclusivo agradou aos participantes de forma significativa. É o que podemos identificar na fala do grupo A: “Eu acho que o *coffee* atendeu a todas as expectativas, até mais... Acho que foi tudo muito bom... Produtos de qualidade, uma boa atenção... Isso é que é importante, nos receberam muito bem, a gente só tem a agradecer.” (GRUPO A, entrevista por captura de áudio).

As avaliações que os grupos realizaram se deu através de áudio encaminhado via *WhatsApp*⁷. Na oportunidade, solicitamos que dissessem como haviam se sentido e se teriam sugestões para que pudessemos prever melhoras na realização de um próximo evento, que nosso objetivo é poder evoluir a cada oportunidade.

Na fala do grupo B, temos o seguinte: “O *coffee* e almoço atendeu nossas expectativas, só temos a agradecer amabilidade e acolhida! Muito obrigada pela atenção.”

O que podemos observar desta experiência é que o público pesquisado sentiu-se satisfeito e não teve (ou não conseguiu) pensar sobre possíveis sugestões para a posteridade.

⁷ Esta parte se refere à metodologia. O *Whatsapp* foi uma ferramenta para coletar dados.

O grupo C não ficou até o momento do coffee, porém elogiou da mesma forma: “Foi tudo ok com o lanche deles. Não participamos do *coffee*, saímos na hora que iria ser servido. O lanche servido agradou a todos. Também havia sido pedida a informação de que se alguém tivesse uma necessidade específica que deveria ser informada, mas não era nosso caso. No momento não surge nenhuma sugestão.”

Do instrumento *Google Forms*, foram coletadas, ao todo 31 respostas dos participantes, sendo que em relação à pergunta 1 (“Você considera que o espaço utilizado para o *coffee break* propiciou acessibilidade a todos?”), 21 dos participantes afirmam que o espaço utilizado para o *coffee break* proporcionou total acessibilidade a todos. O espaço escolhido era amplo, de fácil acesso e receptivo, o que pode ter contribuído para a quebra de barreiras. Nove dos 31 participantes, afirmam que o espaço do coffee break proporcionou acessibilidade parcial, e um dos participantes afirmou que não houve acessibilidade. Para ilustrar as seguintes informações apresentadas, construímos o seguinte gráfico.



Fonte: As autoras, 2019

Em relação à questão 2 (“A partir de tuas percepções do *coffee break*, quais são as tuas sugestões de melhorias para um próximo evento?”), os 31 participantes tiveram respostas similares e positivas em relação ao coffee break. Dos 31 participantes do questionário aberto, 20 afirmaram que o *coffee break* foi inclusivo e acessível aos participantes do evento, não

sugerindo mudanças e/ou reafirmando que este deve seguir no mesmo caminho em uma tertúlia vindoura, qualificando este como “perfeito”, “muito bom” e “organizado”, por exemplo.

No entanto, ainda em relação à questão 2, dez participantes⁸ demonstraram opiniões variadas referentes às possíveis melhorias para próximos *coffees* como “ampliação da questão da água” (questão citada por um participante), espaço físico distante (questão citada por três participantes), maior variedade dos alimentos (questão citada por 2 participantes), questões de organização de mesa/evento (questão citada por 3 participantes) e horário (um dos participantes mencionou que gostaria que o *coffee break* fosse servido mais cedo, às 16 horas e não às 18 horas, como ocorreu).

Em relação a disponibilização de água para os participantes durante o evento, houve problema quanto a principal e maior doação de água para o evento. A referida doação atrasou sua chegada até o campus da UNIPAMPA no dia do evento. Para resolver e/ou amenizar o problema de falta de água durante a espera da doação, as integrantes da comissão tiveram que providenciar água para os participantes, comprando garrafas de água mineral (500 ml) para palestrantes em supermercados próximos. Vale ressaltar que, apesar do imprevisto, não houve falta de água para participantes e palestrantes durante a tertúlia.

Em relação ao espaço físico classificado como “distante” é necessário considerar que a escolha por este espaço foi em razão de parcial sucesso deste no ano anterior, fator que gerou escolha similar para a tertúlia de 2019, além do espaço ser avaliado como “ideal” para a realização do *coffee break*.

Quanto a maior variedade dos alimentos, é necessário ressaltar que todos os alimentos disponibilizados para o *coffee break* foram oriundos de doações, porém a questão de maior variedade de alimentos foi refletida pela comissão antes da realização do evento. Foram realizadas listas de alimentos, pesquisa dos alimentos oferecidos no evento do ano anterior bem como análise de *coffee break* normalmente disponibilizado na UNIPAMPA, compra de alimentos variados pela comissão após verificação das doações, entre outras ações. De acordo com a análise do *coffee break* da tertúlia anterior e do que normalmente é servido nos eventos da UNIPAMPA, houve significativa variedade de alimentos esperando um público mais diverso.

⁸ Um dos 11 participantes que responderam à questão 2 não desenvolveu sugestões em sua resposta, respondendo apenas “sim”, dado afirmativo que não consideramos para análise por falta de compreensão.

No que tange questões de organização, avaliamos que possivelmente a falta de experiência da comissão *coffee break* pode ter gerado essa percepção para os participantes que a avaliaram desta forma.

Por fim, o horário de servir o *coffee break* foi programado pela comissão responsável pela organização do evento, logo não haveria possibilidade de mudar as decisões desta comissão. Porém, houve total disponibilidade da comissão *coffee break* para atender qualquer necessidade dos participantes antes das 18 horas, relacionadas a alimentação e hidratação dos participantes.

Em síntese, os dados coletados e analisados apontam possíveis indícios de quebra de barreiras através do *coffee break* a partir da percepção positiva majoritária apresentada nos dados quanto a condução deste. Esta análise do *coffee break* corrobora para atingir o objetivo principal do evento: propiciar a inclusão plena na interação em contexto de social e educacional, garantindo a acessibilidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando os dados obtidos com a pesquisa realizada sobre o *coffee break*, podemos inferir que nossos objetivos de quebrar as possíveis barreiras em relação a esta comissão foram alcançados, tendo em vista que nos desafiamos e desta forma, já trabalhamos nossas possíveis barreiras atitudinais, considerando que nossos sentimentos e esforços se deram no sentido de identificar especificidades de cada grupo de participantes e tentar buscar soluções para melhor atender o público presente no evento.

Porém, apesar das avaliações majoritariamente positivas presentes nos dados quanto ao *coffee break*, avaliamos aspectos que podem ser melhorados para um próximo evento através das percepções dos participantes da pesquisa, como por exemplo, o espaço disponibilizado para servir o *coffee break*, que pode ter gerado uma possível barreira física aos participantes por não ser tão amplo.

Fazer inclusão é, antes de qualquer coisa, se rever e fazer o processo de olhar para dentro de nós, tentando identificar em que medida nós reforçamos muitas vezes os estereótipos e os paradigmas, que minimizam as pessoas com deficiência.

Este trabalho poderá contribuir para (re)pensar os processos de inclusão em momentos que normalmente passam despercebidos em um grande evento acadêmico, bem como ampliar as pesquisas acerca da área da inclusão em contexto acadêmico.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. 70. ed. Lisboa: LDA, 2009.

CÓRDOVA, F. P; SILVEIRA, D. T. A pesquisa científica. In: GERHARDT, T; SILVEIRA, D. T. (Org.). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

FREIRE, S. Um olhar sobre a inclusão. **Revista de Educação**, p. 5-20, 2008.

MINAYO, M. C. S. (Org). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2002.

MORAES, R. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

OLIVA, D. V. Barreiras e recursos à aprendizagem e à participação de alunos em situação de inclusão. **Psicologia USP**, v. 27, n. 3, p. 492-502, 2016.

SASSAKI, R. K. **Inclusão: construindo uma sociedade para todos**. 5.ed. Rio de Janeiro: WVA, 2003.

SASSAKI, R. K. Nada sobre nós, sem nós: Da integração à inclusão – Parte 2. *Revista Nacional de Reabilitação*, ano X, n. 58, set./out. 2007, p.20-30.

TAVARES, F. Barreiras atitudinais e a recepção da pessoa com deficiência. In: TAVARES, L. B. (org). **Notas Proêmias: acessibilidade Comunicacional para Produção Culturais**. Pernambuco: Cepe Editora, 2013. p. 22-31.

TAVARES, F. T. S S. Educação não inclusiva: a trajetória das barreiras atitudinais nas dissertações de educação do programa de pós-graduação em educação (PPGE/UFPE). **Fabiana Tavares dos Santos Silva – Recife: O autor**, v. 595, 2012.